

Remix Ensemble

Casa da Música

Peter Rundel direcção musical

Tiago Matos narrador

Worten Digitópia electrónica

11 Mai 2021 · 19:30 Sala Suggia



casa da música

MEENAS WORDEN DIGITÓPIA

worten



Maestro Peter Rundel sobre o programa do concerto.
VIMEO.COM/545049420

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Igor C Silva

You Should Be Blind to Watch TV, para ensemble e electrónica (2013; c.8min)*

John Adams

Chamber Symphony (1992; c.22min)

1. Mongrel Airs
2. Aria with Walking Bass
3. Roadrunner

Heiner Goebbels

La Jalousie — ruídos de um romance de Alain Robbe-Grillet (1991; c.18min)**

Bernd Richard Deutsch

Dr. Futurity, para ensemble (2012/13; c.23min)

1. ...trip - from Mars to here
2. Chimaera
3. Red Alert!

*Encomenda Casa da Música e SONAE.

**Texto original e tradução nas páginas 8 e 9.

Igor C Silva

PORTO, 21 DE ABRIL DE 1989

Igor C Silva dedica-se especialmente à música electrónica e para novos meios. Os seus projectos são experiências multi-sensoriais que juntam em palco intérpretes, computadores e muitos acontecimentos ruidosos e psicadélicos. Trabalha regularmente com ensembles, instrumentistas e orquestras, recebe variadas encomendas de agrupamentos e festivais e tem editado gravações da sua música. Trabalha frequentemente com solistas, ensembles e grupos de jazz, dedicando uma parte da sua actividade à improvisação e a *performances* interactivas com electrónica e ferramentas multimédia.

Foi jovem compositor em residência na Casa da Música (2012), compositor em residência nos Miso Music Studios (2015) e compositor em residência no Drumming GP. Recentemente, a sua obra *Plastic Air* para duo flexível, electrónica e vídeo/luz ganhou uma recomendação no International Rostrum of Composers na Hungria. Ganhou o 1.º prémio no I Concurso Internacional de Composição Electroacústica e Intermedia “eviMus” (Alemanha), com a peça *Numb*, e o 1.º prémio no Concurso Internacional de Composição GMCL/Jorge Peixinho (Portugal), com *Blood Ink*, entre outros.

Igor C Silva é co-fundador do Trash Panda Collective. Entre os projectos actuais, destaca-se a estreia de uma nova ópera multimédia (Holanda, 2021), escrita para Stephanie Pan e o Ensemble Klang, com texto de Aaron Landsman; a estreia de uma nova peça para ensemble e electrónica, para o Trash Panda Collective; além de muitos outros concertos e estreias em vários países da Europa, Américas e Ásia.

Igor C Silva estudou composição na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo

(ESMAE) e frequentou seminários com Magnus Lindberg, Jonathan Harvey, Pauline Oliveros, Kaija Saariaho, Wolfgang Mitterer, Betty Olivero, Marko Ciciliani, Pascal Dusapin e Bruce Pennycook, entre outros. Fez um mestrado em *Live-Electronics* no Conservatório de Amsterdão. Está a realizar um doutoramento na VUB (Universidade Livre de Bruxelas) e no Conservatório Real de Bruxelas, e lecciona no Curso de *Live-Electronics* nesta última escola.

You Should Be Blind to Watch TV,
para ensemble e electrónica

O ruído da televisão incomoda. O zapping frenético à procura de algo que seja possível suportar por mais de dois minutos (talvez dois e meio!) corrói e baralha a nossa percepção minimamente lúcida do real. Instala-se o supérfluo, o banal e os vários pseudo-qualquer-coisa, numa tentativa de criar um escape ilusório a uma realidade possivelmente sombria. Consome-se sem pensar duas vezes nem questionar. Consome-se porque sim!

IGOR C SILVA, 2013

John Adams

WORCESTER, 15 DE FEVEREIRO DE 1947

John Adams tem-se destacado como um dos compositores americanos mais tocados e premiados internacionalmente, tendo desenvolvido um estilo próprio e eclético. Se um aspecto central na sua produção é o foco em assuntos da actualidade, o que tem criado algumas polémicas e potenciado a sua cobertura mediática, a partir de certa altura o compositor recorreu a estilos e géneros musicais do passado, que misturava com a sua abordagem particular reminiscente do chamado minimalismo repetitivo. Após ter estudado na Universidade de Harvard, Adams leccionou no Conservatório de Música de São Francisco, onde trabalhou com música electrónica e dirigiu diversos agrupamentos. Nessa época, a sua música assentava na repetição de padrões, tornando audível o processo de composição e desenvolvimento da obra. Paralelamente, conciliou essa abordagem com formas de construir uma narrativa musical menos circular, sobretudo através do recurso a formas do Romantismo e do Modernismo.

Chamber Symphony

A *Chamber Symphony* foi composta no final de 1992 por encomenda da Wallace Alexander Gerbode Foundation, uma instituição mecenática com sede em São Francisco que tem realizado importantes encomendas a artistas de áreas distintas e dinamizado culturalmente a área da Baía de São Francisco. A obra foi destinada ao San Francisco Contemporary Chamber Players, especializado na apresentação de música contemporânea, que a estreou a 12 de Abril de 1993. Contudo, a estreia mundial foi realizada em Haia a 17 de Janeiro de 1993 pelo Schoenberg Ensemble. Em 1994, Adams

foi galardoado com o Royal Philharmonic Society Award pela *Chamber Symphony*.

A obra encontra-se dividida em três secções e é inspirada em universos musicais distintos, reflectindo uma mudança no estilo do compositor, que passou a valorizar elementos como o virtuosismo instrumental e o recurso a texturas mais densas e complexas. De forma aparentemente contraditória, há uma redução de meios, visto que a produção de Adams até à época incidiu sobre géneros como a ópera e a música sinfónica. Esta redução de meios traça uma filiação directa da *Chamber Symphony* na *Sinfonia de Câmara*, op. 9, de Arnold Schoenberg. Essa relação entre uma obra de referência do modernismo musical centro-europeu e a *Chamber Symphony* é reforçada com a utilização de elementos da *Sinfonia de Câmara* por Adams. A outra matriz a que Adams recorre é a música que Carl Stalling compôs para desenhos animados, revisitada pelo compositor quando da infância do seu filho, dedicatário da obra. Um aspecto que a música de Schoenberg e de Stalling têm em comum é a descontinuidade narrativa, no primeiro decorrente de uma abordagem modernista que critica os modelos retóricos do Romantismo, e no segundo pela necessidade de acompanhar um enredo descontínuo e variado. Essa descontinuidade é enfatizada por Adams ao longo da sinfonia, por vezes contrastando elementos heterogéneos de forma abrupta.

A primeira secção da obra, *Mongrel Airs*, destaca-se pela sua trama rítmica, à qual se vão sobrepondo instrumentos a um ritmo estável e percussivo, técnica usada tanto por Schoenberg como por Stalling, aproximando o timbre da orquestra ao universo dos desenhos animados e enriquecendo-o com o recurso ao sintetizador. Desta forma, Adams concilia o estilo pelo qual ficou conhecido, sobretudo pela periodicidade

rítmica e pelo relativo estatismo harmónico, com um virtuosismo contrapontístico assinalável. A *Aria with Walking Bass* assenta numa linha grave que mantém o tempo, à qual vão sendo adicionados instrumentos, a solo ou em conjuntos, destacando-se o carácter melódico. A obra termina com uma autêntica catarse, em que um *ostinato* contínuo serve de fio condutor a um andamento altamente virtuosístico quer para os intérpretes, quer para o compositor, numa tentativa de recriar as loucas perseguições protagonizadas pela personagem *Roadrunner*, transpondo-as para um contexto erudito.

JOÃO SILVA, 2014

Heiner Goebbels

NEUSTADT/WEINSTRASSE, 17 DE AGOSTO DE 1952

Heiner Goebbels nasceu em Neustadt an der Weinstrasse, uma cidade alemã do estado da Renânia-Palatinado, e vive desde 1972 em Frankfurt am Main. Estudou Sociologia e Música. Fez música para teatro (para Hans Neuenfels, Claus Peymann, Matthias Langhoff, Ruth Berghaus e outros encenadores), cinema (para Helke Sander, Dubini Brothers e muitos outros) e bailado (para o Ballet de Frankfurt).

Em meados da década de 1980, começou a compor e a dirigir as suas próprias obras, a maior parte com base em textos de Heiner Müller. A partir de 1988, compõe música para o Ensemble Modern e o Ensemble intercontemporain, e em 1994 estreia a obra *Surrogate Cities*, para orquestra, *samplers* e vozes. Os convites para quase todos os grandes festivais de teatro, música e artes performativas, com os seus ensembles, bem como as produções cénicas, levaram-no a mais de 50 países nos últimos 30 anos. Foram editados mais de 20 discos.

Além de várias instalações e exposições no Bauhaus Weimar, no Centre Pompidou, no ZKM (Centro de Arte e Média de Karlsruhe), no Museu de Arte Contemporânea de Lyon, no Museu Mathildenhöhre e muitos outros, participou nos *documenta* VII, VIII e X com concertos, performances e instalações. Praticamente todas as suas obras de música para teatro foram executadas entre 50 a 150 vezes nos principais festivais de música e teatro da Europa, assim como nos Estados Unidos, na América do Sul, na Austrália e na Ásia.

Durante quase 20 anos (de 1999 a 2018), Heiner Goebbels foi professor do Instituto para os Estudos Aplicados de Teatro na Universidade Justus Liebig em Giessen (Alemanha),

sendo director executivo entre 2003 e 2011. Trabalhou em várias organizações para jovens artistas experimentais. Entre 2006 e 2018, foi Presidente da Academia de Teatro Hessen.

Em 2018, Heiner Goebbels recebeu pela primeira vez a nomeação para a então recém-criada Cátedra Georg Büchner, que lhe foi conferida pelo presidente da Universidade Justus Liebig. Em 2007/08 foi bolseiro na Wissenschaftskolleg zu Berlin (Instituto para Estudos Avançados) e, em 2010, artista residente na Universidade de Cornell, Ithaca (EUA). Em 2012, recebeu o Prémio Internacional Ibsen do Governo norueguês e foi distinguido com um doutoramento *honoris causa* pela Universidade da Cidade de Birmingham. Em 2012, 2013 e 2014, foi director artístico da Ruhrtriennale — Festival Internacional de Artes.

La Jalousie

ruídos de um romance de Alain Robbe-Grillet

Apesar de *La Jalousie* ser escrita para um ensemble relativamente grande, de 16 músicos, é uma peça bastante serena e cinematográfica. Em francês, “*La Jalousie*” tem um duplo sentido: pode referir-se a um género de persiana ajustável, que apenas de um lado permite observar-se o outro lado; e “ciúme”. É esta ideia que serve de tema ao “nouveau Roman” com o mesmo título do escritor francês Alain Robbe-Grillet, por muitos conhecido como o argumentista do filme de culto *Last Year at Marienbad*. Sem nunca serem nomeados nem exprimidos, os ciúmes suportados pelo marido-narrador (que, na verdade, nunca participa na acção) são o tema central de *La Jalousie*. Pelo contrário, as condições, os contextos, as observações masculinas e a repressão desse sentimento são descritos minuciosamente

e inscrevem-se automaticamente, como um traumatismo, na leitura do texto.

“Ela foi até a cidade com o Franck para fazer algumas compras urgentes. Não especificou quais. Desde que o quarto esteja vazio, não há nenhuma razão para não abrir as janelas, que revestem completamente as três janelas em vez das vidraças. As três janelas são semelhantes, cada uma dividida em quatro rectângulos iguais, ou seja, quatro conjuntos de lâminas, cada folha com dois conjuntos em altura. Os doze conjuntos...”

Acerca disto, encontrei o seguinte comentário na autobiografia de Robbe-Grillet: “... um mundo totalmente indescritível, formado pelos ruídos em torno da casa. Porque será que tão pouco se disse sobre a importância da audição neste romance...?” Foi isto que tentei fazer com a minha composição.

HEINER GOEBBELS, 1991

Tradução: Fernando P. Lima (nota à obra)
e Carla Basto (excerto do romance)

Bernd Richard Deutsch

MÖDLING (ÁUSTRIA), 15 DE MAIO DE 1977

Bernd Richard Deutsch está entre os compositores de maior projecção internacional da sua geração. A sua música virtuosística e bem-humorada, escrita para formatos variados (orquestra, ensemble, concertos para solista, música de câmara), distingue-se por “uma abundância aparentemente inesgotável de vívidas personagens, situações e gestos musicais” (Die Presse). Recebeu encomendas de festivais e instituições prestigiadas como Wien Modern, ECLAT de Estugarda, ORF, Festival de Música de Schleswig-Holstein e Orquestra de Cleveland. As suas obras têm sido tocadas por orquestras como a Sinfónica da Rádio de Estugarda, a Sinfónica da Rádio ORF de Viena, a Orquestra Mozarteum de Salzburgo, as Filarmonias de Seul e Tóquio, e por ensembles como o Klangforum Wien, o Ensemble Modern e o Arditti Quartet; e dirigida por maestros como Franz Welser-Möst, Manfred Honeck, Jakub Hrůša, Baldur Brönnimann, Johannes Kalitzke, HK Gruber, Thierry Fischer, Stefan Asbury e Andrés Orozco-Estrada. A Orquestra Philharmonia de Londres dedicou-lhe um concerto monográfico em 2017.

Bernd Richard Deutsch foi premiado com o Prémio Paul Lowin para Composição Orquestral (Austrália, 2015) e o Prémio Paul Hindemith em 2014. Estudou composição na Universidade de Música e Artes do Espectáculo de Viena, onde vive actualmente.

© BOOSEY & HAWKES

Dr. Futurity, para ensemble

Dr. Futurity, para 16 instrumentos, foi uma obra escrita em 2012-2013 para o ensemble austríaco Klangforum Wien, no âmbito do Prémio de Composição do Erste Bank de 2013. Algum tempo antes e durante a sua composição, li vários romances e contos do lendário autor americano de ficção científica Philip K. Dick (1928-1984), um dos expoentes mais influentes e prolíficos do género. As suas obras têm sido frequentemente adaptadas para o cinema (p. ex. *Blade Runner*), mas a sua influência também pode ser detectada em numerosos filmes que não lhe fazem uma referência explícita. Nas suas histórias distópicas, muitas vezes numa ambiência de um mundo pós-apocalíptico, a atmosfera de ficção científica serve apenas como pano de fundo para questões filosófico-existencialistas e teológicas. Muitas vezes, a realidade inicialmente retratada revela-se uma ilusão (não raramente induzida por drogas) no decurso do enredo. Muitos elementos, tais como as críticas à sociedade de consumo e o medo supostamente paranóico do Estado que tudo controla, parecem, em retrospectiva, quase proféticos.

Dr. Futurity é o título de um dos primeiros romances de Philip K. Dick, uma história sobre viagens no tempo. No entanto, a minha composição não é música programática, pretendendo antes ser uma homenagem ao autor e para si remeter a alusão à atmosfera de determinadas cenas e elementos dos seus livros.

O título do primeiro andamento, *...trip - from Mars to here* [...viagem - de Marte até aqui], é uma citação de um dos romances mais célebres de Philip K. Dick: *Do Androids dream of Electric Sheep?* [Será que os Andróides Sonham com Ovelhas Eléctricas?]. A música é predominantemente energética, pulsante e caracterizada por numerosos contrastes rítmicos incisivos.

O segundo andamento, intitulado *Chimaera* [Quimera], está dividido em três partes: começa com o murmúrio de paus de chuva e trina-dos de timbre suavemente cintilante numa atmosfera quase irreal. Há um solo de contra-baixo no registo agudo, e um solo descendente de trompa que dá por terminada a primeira parte. Segue-se a segunda parte com uma estranha cantilena do oboé d'amore. A terceira parte, por sua vez, é uma repetição da primeira com variações.

O terceiro andamento, *Red Alert!* [Alerta Vermelho!], é construído sobre dois elementos distintos: a abertura tempestuosa, na qual parecem uivar as sirenes de alarme, e o solo de acordeão que, surpreendentemente, se segue. Os motivos deste último são posteriormente desenvolvidos pelo ensemble, seguindo-se uma repetição da abertura que conduz a um clímax explosivo. Um solo de trombone descendente que evoca uma "saída final" é seguido por uma *coda* iniciada pelo fagote, na qual os dois elementos básicos do andamento, o sinal de alarme e o solo do acordeão, se ligam entre si.

BERND RICHARD DEUTSCH, 2021

Tradução: Luísa Lara

Heiner Goebbels

La Jalousie

(excerto de um romance de Alain Robbe-Grillet)

Elle est partie très tôt, ce matin, afin de disposer du temps nécessaire à ses courses et de pouvoir cependant revenir le soir même à la plantation.

Elle est descendue en ville avec Franck, pour faire quelques achats urgents.

Elle n'a pas précisé lesquels.

Du moment que la chambre est vide, il n'y a aucune raison pour ne pas ouvrir les jalousies, qui garnissent entièrement les trois fenêtres à la place des carreaux. Les trois fenêtres sont semblables, divisées chacune en quatre rectangles égaux, c'est-à-dire quatre séries de lames, chaque battant comprenant deux séries dans le sens de la hauteur. Les douze séries sont identiques : seize lames de bois manoeuvrées ensemble par une baguette latérale, disposée verticalement contre le montant externe. Les seize lames d'une même série demeurent constamment parallèles. Quand le système est clos, elles sont appliquées l'une contre l'autre par leurs bords, se recouvrant mutuellement d'environ un centimètre. En poussant la baguette vers le bas, on diminue l'inclinaison des lames, créant ainsi une série de jours dont la largeur s'accroît progressivement. Lorsque les jalousies sont presque horizontales et montrent leur tranchant. Le versant opposé du vallon apparaîtrait alors en bandes successives, superposées, séparées par des blancs un peu plus étroits.

Esta manhã, ela saiu muito cedo para ter tempo suficiente para as compras e ainda poder regressar à plantação na mesma noite.

Foi até a cidade com o Franck para fazer algumas compras urgentes.

Não especificou quais.

Desde que o quarto esteja vazio, não há nenhuma razão para não abrir as gelosias¹, que revestem completamente as três janelas em vez das vidraças. As três janelas são semelhantes, cada uma dividida em quatro retângulos iguais, ou seja, quatro conjuntos de lâminas, cada folha com dois conjuntos em altura. Os doze conjuntos são idênticos: dezasseis lâminas de madeira totalmente manuseadas por uma vareta lateral, disposta verticalmente contra a ombreira externa. As dezasseis lâminas do mesmo conjunto permanecem sempre paralelas. Quando o sistema é fechado, estas encostam-se umas às outras através das extremidades, sobrepondo-se reciprocamente em cerca de um centímetro. Ao empurrar a vareta para baixo, a inclinação das lâminas é reduzida, criando assim uma série de aberturas cuja largura aumenta paulatinamente. Quando as gelosias estão quase horizontais, revelando as suas arestas, o lado oposto do vale surge então em faixas sucessivas, sobrepostas, separadas por espaços em branco ligeiramente mais estreitos.

1 N. T. — Não é possível reproduzir em português o trocadilho existente em francês com a palavra *jalousie*, que significa ciúme, mas também gelosia/persiana, uma vez que não há nenhum termo equivalente.

Dans la fente qui se trouve juste au niveau du regard vient se placer une touffe d'arbres au feuillage rigide, à la limite de la plantation, là où commence la brousse jaunâtre.

Maintenant l'ombre du pilier sud-ouest — à l'angle de la terrasse, du côté de la chambre — se projette sur la terre du jardin. Le soleil encore bas dans le ciel, vers l'est, prend la vallée, presque en enfilade. Les lignes de bananiers, obliques par rapport à l'axe de celle-ci, sont partout bien distinctes, sous cet éclairage.

Sans s'occuper de l'ordre dans lequel se trouvant les bananiers réellement visibles et les bananiers coupés, la sixième ligne donne les nombres suivants: vingt-deux, vingt-et-un, vingt, dix-neuf qui représentent respectivement le rectangle, le vrai trapèze, le trapèze à bord incurvé, le même enfin après déduction des pieds abattus pour la récolte.

On a pour les rangées suivantes: vingt-trois, vingt-et-un, vingt-et-un, vingt-et-un. Vingt-deux, vingt-et-un, vingt, vingt. Vingt-trois, vingt-et-un, vingt, dix-neuf, etc.

Na abertura que fica mesmo ao nível do olhar surge um conjunto de árvores de folhagem forte, no limite da plantação, onde começa o mato amarelado.

Agora a sombra do pilar sudoeste — no canto do terraço, do lado do quarto — é projectada na terra do jardim. O sol ainda baixo no céu, a nascente, apodera-se do vale, quase em linha. As linhas de bananeiras, oblíquas em relação ao eixo deste, distinguem-se bastante bem em todo o lado, sob esta luz.

Sem se preocupar com a ordem das bananeiras realmente visíveis e das bananeiras cortadas, a sexta linha indica os seguintes números: vinte e dois, vinte e um, vinte, dezanove, que representam respectivamente o rectângulo, o verdadeiro trapézio, o trapézio de ângulo convexo, o mesmo, afinal de contas, após dedução dos pés cortados para a colheita.

E temos nas linhas seguintes: vinte e três, vinte e um, vinte e um, vinte e um. Vinte e dois, vinte e um, vinte, vinte. Vinte e três, vinte e um, vinte, dezanove, etc.

Tradução: Carla Basto

Peter Rundel direcção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, da Rádio França e do Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma e as Sinfónicas de Viena e da Rádio de Frankfurt. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Inicia a temporada 2020/21 com o convite do Musikfest Berlin para dirigir o Ensemble Musikfabrik. Além dos compromissos com a Sinfónica da Rádio Bávara, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Basel Sinfonietta, celebra o 20.º aniversário do Remix Ensemble Casa da Música, formação que dirige há 15 anos. Juntos realizaram um concerto na Elbphilharmonie, em Hamburgo. Na Primavera de 2021, estreia a nova peça de teatro musical de Isabel Mundry, *Im Dickicht*, no Festival Schwetzingen SWR.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de

Wolfgang Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht e Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug – die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen* e *La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014. Com a estreia mundial de *Les Bienveillantes* de Hector Parras, encenada por Calixto Bieito, apresentou-se pela primeira vez na Ópera da Flandres, em 2019.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi Director Artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Além de orientar as suas próprias masterclasses de direcção na região da Baviera, é regularmente convidado para leccionar em cursos internacionais.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Tiago Matos barítono

Dono de “desenvoltura cénica e vocal” e de uma “voz maleável e bem posicionada”, Tiago Matos afirma-se como um “sólido barítono”, diz a crítica. Chegou à Ópera Nacional de Paris em 2012, pelo Atelier Lyrique, onde protagonizou *Don Giovanni* de Mozart. A estreia no elenco principal aconteceu dois anos depois com Fiorello, em *Il Barbiere di Siviglia* de Rossini. Seguiram-se Un Chevalier, em *Le Roi Arthur* de Chausson, e Il Marchese d’Obigny, em *La Traviata*. Também em Verdi, foi Un Députée Flamand, em *Don Carlos*, além de Il Conte di Ceprano, em *Rigoletto*. A interpretação mais recente com a Académie da l’OnP — Frank, em *Die Fiedermaus* de J. Strauss — valeu-lhe os maiores elogios. Entre outras interpretações, destaque para Le Dancaire e Moralès, em *Carmen* de Bizet; Mercutio, em *Roméo et Juliette* de Gounod; L’Horloge Comtoise e Le Chat, em *L’Enfant et les Sortilèges* de Ravel; e, novamente, o papel principal em *Don Giovanni*, no Estates Theatre (Praga).

Tiago Matos foi vencedor do primeiro prémio no VI Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa. Em concerto, actuou com a Orquestra Gulbenkian em “Composing for Voices with Luís Tinoco”, e foi solista em obras como *Lieder Eines fahrenden Gesellen* de Mahler, 9.ª Sinfonia de Beethoven e *Requiem* de Fauré.

Licenciado em Música pela Universidade de Aveiro, Tiago Matos teve entre os seus principais professores Isabel Alcobia e António Chagas Rosa, além de Sherrill Milnes e Maria Zouves, com quem se cruzou na VOICE Experience Foundation, nos Estados Unidos. Actualmente aperfeiçoa-se com Michelle Wegwart.

Fundou a Plateia Protagonista, uma associação cultural e educacional centrada na

promoção da ópera e da música clássica, que, entre outros projectos, criou o “Ópera Conosco Marvila!”, destinado a jovens de bairros desfavorecidos de Lisboa, e onde, em 2021, Tiago Matos interpretará o sargento Belcoore, em *L’Elisir d’Amore* de Donizetti.

Depois da participação no Operafest (Lisboa), em 2020, onde estreou óperas de jovens compositores portugueses, Tiago Matos tem à sua espera as personagens Duque e Enforcado, em *Trilogia das Barcas* de Joly Braga Santos, no Teatro Nacional de São Carlos. Espera-se ainda a participação no Festival Informal de Ópera de Braga, um concerto em torno de Bach e Händel com a Orquestra Barroca Casa da Música dirigida por Laurence Cummings, e será ainda solista no *Requiem* de Mozart com a Orquestra Clássica do Centro. Também este ano, dará um recital com o trio *À la Joie!* no Festival Internacional de Música de Marvão.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e

Estrasburgo) com encenação de Nuno Carlinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carlinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2020, o Remix Ensemble assinalou o seu 20.º aniversário com a estreia mundial do *Requiem* de Francesco Filidei, uma encomenda da Casa da Música em parceria com o Ensemble intercontemporain e o ensemble vocal Les Métaboles. Apresentou obras de Philippe Manoury ao lado dos prestigiados solistas Ashot Sarkissjan e Nicolas Hodges, e uma obra de Hugues Dufourt com o pianista Pierre-Laurent Aimard. Fez ainda a estreia mundial de uma banda sonora de Igor C Silva para um clássico do cinema mudo português, encomendada pela Casa da Música em parceria com a Philharmonie du Luxembourg.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Worten Digitópia electrónica

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. Consequentemente, o seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades (por exemplo, com grupos com necessidades educativas especiais), o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos.

Sendo parte integrante da Fundação Casa da Música, tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Violino

Angel Gimeno
Magdalêna Geka*

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Antje Thierbach

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani
Pedro Pereira

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira
Nuno Henriques

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano/Sintetizador/ Celesta

Jonathan Ayerst
Vitor Pinho

Acordeão

José Valente

Guitarra eléctrica

Bertrand Chavarria-Aldrete

Electrónica

Óscar Rodrigues**

*1.º violino em *La Jalousie* e
Dr. Futurity.

**Worten Digitópia.

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

